

PRÁTICAS AUTOBIOGRÁFICAS E DES_ARQUIVO NO CURTA-METRAGEM *PLANETA TRAVESTI*

AMETISTA MÜLLER¹;
KARINE FERREIRA SANCHEZ²

¹Universidade Federal de Pelotas – ametistamuller03@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – karineferreirasanchezs@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo é concebido do interesse de refletir sobre a arte produzida por pessoas trans-travestis e de observar a proximidade desta produção artística com a experiência vivida. Será abordado o curta-metragem *Planeta Travesti* (2024), obra audiovisual realizada como experimento de escrita, gravação, edição e montagem de instalação.

O objetivo é evidenciar as práticas autobiográficas que são elaboradas por meio da arte como exercício de humanização por parte de indivíduos trans. Também se reflete sobre a relação do processo criativo que gerou o curta-metragem com a conceituação de *des_arquivo*, conceito definido pelo educador CARDOSO (2025) como uma subversão metodológica indisciplinada (MOMBAÇA, 2016) das teorizações hegemônicas daquilo que irá compor uma prática arquivística. É interessante para este resumo enfatizar que o *des_arquivo*, enquanto conceito multidisciplinar, também está atrelado às práticas artísticas e às noções de processo criativo. Ele descreve, no artigo que fundamenta esse conjunto de práticas “*des_arquivísticas*”, que se o arquivo depende da estrutura temporal vida/morte para existir, o *des_arquivo* carrega a possibilidade de histórias serem contadas em vida, nas artes, na pesquisa acadêmica e no ativismo político, por grupos que são deslegitimados socialmente:

Ainda segundo Bourcier (2005), essas concepções de arquivos ligados à morte são formas de legitimação e valorização do passado. Compreender o arquivo enquanto uma tecnologia histórico-social implica reconhecer seu papel na construção e manutenção do poder sobre aquilo que será ou não conhecido sobre o passado. Trata-se, também, do poder de determinar o que ficará excluído das lembranças (Schwartz; Cook, 2004, p. 16). Ou seja, estamos falando de uma máquina de fazer esquecer. [...] Na tentativa de escavar memórias, re-localizar histórias e re-memorar momentos que, de alguma maneira, foram violentados pelo silêncio ou pela máquina de fazer esquecer, gostaria de propor a ideia de um *des_arquivo*. (CARDOSO, 2025, p. 6).

O propósito deste trabalho é compreender o impulso de produção por trás do curta-metragem. Por que uma pessoa trans-travesti se interessa em realizar uma obra artística – e “*des_arquivística*” – sobre si?

2. METODOLOGIA

O processo de criação da obra tem início com uma proposta avaliativa da disciplina Ateliê de Processos Criativos II, ministrada por Martha Gofre. Foi proposta a criação de uma obra artística a partir da escolha de um entre três títulos previamente selecionados pela professora. Os títulos eram referentes a parte das obras plásticas presentes na exposição Cais de Discussões, sediada no espaço artístico Corredor 14.

O filme contém aproximadamente seis minutos de duração e apresenta uma série de clipes documentais que, gravados ao longo de três semanas pela própria artista/diretora, invocam imagens cotidianas: um *close-up* em frente ao espelho, um café na padaria, um filme sendo assistido com amigos, que também são colocados em destaque pelo dispositivo da câmera. O trabalho de gravação, feito espontaneamente e sem roteiro prévio, centraliza a artista/diretora e o relacionamento de seu corpo transgênero com os espaços habitados. Há enfoque na gravação das localidades também: a residência da artista; a casa de sua mãe; o campus universitário; os detalhes no céu e nas ruas de Pelotas, RS.

Os clipes utilizados na obra foram inteiramente gravados com uma câmera de bolso (modelo Kodak EasyShare M340). A escolha desta ferramenta de gravação e o tratamento de cores no processo de edição são elementos criativos pensados para que as imagens em movimento obtivessem a textura visual mais aproximada possível de um “vídeo caseiro” – algo essencialmente amador, feito por gosto, pela paixão do fazer.

Em conjunto com as imagens, é declamado um poema que serve como narração delas. A artista elabora provocações em torno de seu corpo travesti, endereçando sua fala ao telespectador como forma de convite à reflexão sobre como seu semblante é percebido socialmente.

A corpa-planeta que você ouve e vê é uma travesti / E talvez você, em confusão, se pergunte “o que é uma travesti?” / e eu, sem espaço pra dúvida, respondo urgentemente: é algo possível de nomear, é algo impossível de definir e é apenas quem sou. (Trecho da obra)

O corte inicial do filme foi exibido em aula, para a avaliação da professora e na companhia dos colegas. Esta versão tinha nove minutos de duração e contava com uma narração alternativa do poema declamado na versão final. Um segundo corte, este de aproximadamente quatro minutos, foi exibido na residência artística O Espaço das Ausências, sediada na Casa Oca pelo evento Festival Varietoca, nos dias 8 e 15 de setembro de 2024 – em conjunto com obras plásticas, fotográficas, de pintura e de fanzine autoradas por múltiplos artistas, entre eles Janete Flores, Juan Piñango, Kati Ferreira e Simone Fernandes. Nesta versão foram feitas revisões mais gráficas ao conteúdo do curta-metragem e foram cortados alguns minutos em prol de uma narrativa mais contida e sintetizada. Para o Festival Varietoca foi composta uma “cabine” de exibição individual do filme, elaborada com um projetor de vídeo portátil que exibia a obra em *loop* sobre

um pano e equipada com um par de *headphones* conectados ao projetor; a decisão de exibir o filme desta forma, para uma pessoa por vez, foi pensada para que cada espectador tivesse um espaço de maior intimidade e imersão com a exibição.

Um corte final foi desenvolvido para futuras exibições. Este foi publicado na plataforma digital *Youtube* em 10 de setembro de 2024.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As travestis, enquanto pessoas transgênero de identidade feminina e, simultaneamente, figuras do imaginário cultural brasileiro, foram e são associadas injustamente à condições de marginalidade e de monstruosidade. A filósofa abigail Campos Leal (2021) argumenta em prol de uma não-definição das travestilidades: o corpo travesti seria, tanto pela carga de estigma e ambiguidade que carrega culturalmente quanto pela sua historicidade nas linhas de frente das lutas políticas por direitos humanos das populações trans, um território de experimentalismo dos códigos de gênero; um corpo que cria algo novo ao existir.

Ser travesti, assim, seria apenas a afirmação de uma feminilidade híbrida, estranha e experimental, que não se pauta pelos regimes de normalidade para legitimar sua existência. A travestilidade é uma multiplicidade de feminilidades estranhas, justamente por ser a afirmação de cada singularidade monstra que se mistura e roça entre hormônios e maquiagens, saltos e coturnos, apliques e tranças, próteses e depilações, pelos e peles [...], num caminho sem fim. (LEAL, 2021, p. 74)

Planeta Travesti se afirma neste ponto de vista. Enquanto isso, oferece um registro poético mapeado por uma narrativa de humanização por parte de uma pessoa do gênero travesti para, através da linguagem do registro caseiro, subverter preconceitos e inverter com a lógica da estranheza que se associa ao corpo transgênero.

A ideia de *des_arquivo* é conduzida pela noção de que pessoas produzem arquivos ao longo de suas vidas comuns. Fotografias, documentos, certidões, cartas, dispositivos de armazenamento digital – tudo isso possibilita a preservação das memórias de vida de um indivíduo, além de serem objetos que auxiliam aspectos da vida em sociedade. O educador Thomas Cardoso (2025) propõe um processo de confecção de novas memórias e imaginários exercido através do ato de abordar com criticidade aquilo que guardamos e, por vezes, esquecemos, nesses arquivos individuais e coletivos. A arte e o processo criativo carregam uma série de caminhos para essa proposta por serem espaços de vazão para a experiência subjetiva e por oferecerem um canal de partilha entre pessoas que, mesmo desconhecidas, podem vir a partilhar de sentimentos e vivências em comum.

A relação entre artista e público é priorizada em *Planeta Travesti*. O poema declamado é endereçado a qualquer espectador que assista o curta-metragem do início ao fim, prezando pelo exercício de uma escuta que, em outro contexto,

poderia não acontecer. O curta-metragem é desenvolvido para pensar-se diferentes formas de arquivar os corpos travestis; não como corpos violentos e hipersexualizados, mas como corpos que vivem, que amam, que produzem e que tem ideias para expressar. Dessa forma e também experimentando-se com uma linguagem visual de familiaridade e de conforto, se torna possível pensar outras narrativas para estes corpos.

Nossos arquivos domésticos, de maneira geral, incluem álbuns de fotografias que contam um pouco sobre nossas memórias. Mas e aquelas pessoas que não possuem essas memórias? Como pensar um *auto_des_arquivo* que acione também um lugar que muitos/as de nós, pessoas trans e travestis, não tivemos? A partir dos *des_arquivos*, é possível sonhar, desenhar, montar, colar e usar das tecnologias como ferramentas para acessar um passado e um futuro – um espaço onde possamos nos re-inscrever no mundo, onde nossas histórias não fiquem nas gavetas, onde as notícias sejam de conquistas e não de violência ou morte. Ousaremos re-criar outros mundos. (CARDOSO, 2025, p. 16)

4. CONCLUSÕES

O curta-metragem *Planeta Travesti* dialoga com a conceituação do *des_arquivo* ao utilizar de uma linguagem visual associada ao sentimento de conforto e familiaridade – o registro caseiro – para projetar-se enquanto obra de arte que se debruça sobre uma série de questões. Observa-se o desconforto que corpos trans-travestis geram à sociedade cisgênera e se responde ao estranhamento com um exercício de fala por parte de uma artista e travesti que, aqui, assume o lugar de diretora/roteirista/editora/produtora de um projeto audiovisual.

A obra estabelece, dessa forma, um convite à imaginação de outros mundos e da formação de novas memórias coletivas ao colocar no centro de sua narrativa um corpo que é socialmente concebido como desviante. Assim, conclui-se que o interesse de uma pessoa trans-travesti de elaborar uma narrativa sobre si mesma parte da necessidade de escuta de sua história e encontra finalidade nas possibilidades de transformação da realidade que o cultivo destas narrativas carrega para um grupo socialmente marginalizado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, T. Enfeitiçar a memória: ensaios sobre a noção de *des_arquivo* na pesquisa em educação. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. I.], v. 7, p. e14785, 2025.

LEAL, a. **Ex/orbitâncias: Os Caminhos da Deserção de Gênero**. São Paulo: GLAC Edições, 2021.

MOMBAÇA, J. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. **Revista Concinnitas**, Rio de Janeiro, p. 334–354, 2016.